

Universidade Federal do Rio
Grande do Sul
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em
Educação
Linha de pesquisa: Filosofia da
Diferença e Educação

Marilu Silveira Goulart

Amor em fragmentos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Paola Basso
Menna Barreto Gomes Zordan

Porto Alegre

2008

Dados Internacionais da Catalogação na
Publicação (CIP)

G694 Goulart, Marilu Silveira.

Amor em fragmentos [manuscrito] / por
Marilu Silveira Goulart. – Porto Alegre, 2008.
161 f.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) - Universidade
Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de
Educação, Programa de Pós-Graduação em
Educação, 2008.

Orientadora: Profa. Dra. Paola Basso
Menna Barreto Gomes Zordan

1. Educação. 2. Relações humanas. 3.
Sentimento. 4. Amor. 5. Sensibilidade. I. Zordan,
Paola Basso Menna Barreto Gomes. II. Título.

CDU 37.06:159.942

Bibliotecária Responsável: Maria Salete Ribeiro
CRB Prov. - 10-008/08

[sumário]

[resumo] 5	[desencontros?] 50
[abstract] 7	[vício] 53
[amorosidades] 9	[“segredinho sujo”] 54
[arranque] 11	[cartas] 55
[a exterioridade do amor] 13	[a escrita...] 56
[metáfora] 15	[mensagens] 57
[fotografia] 16	[romantismo] 58
[a perda do rosto] 17	[religião] 59
[fases] 19	[o encontro amoroso] 60
[estar só] 20	[acontecimento] 61
[acolhimento] 22	[desejo] 65
[esquecimento] 23	[irmãs] 66
[delicadeza] 25	[etiqueta] 67
[botões (cuidado)] 26	[ciúme] 68
[desaprendizagem] 27	[intuição] 69
[disfarce] 28	[rubor] 70
[encantamento] 29	[triângulo] 71
[sinceridade] 30	[susto] 72
[detalhe] 31	[hu(a)mor] 73
[ilusão] 32	[retrato] 75
[arrebatamento] 33	[charme] 76
[gesto] 34	[alguém] 77
[decepção] 36	[repetição] 78
[ausência] 37	[declaração] 79
[último fim] 38	[desamor] 80
[exigência] 39	[persistência] 81
[espera] 41	[masoquismo] 82
[fragilidade] 42	[fabulações iansânicas] 83
[perdas] 43	[seus filhos] 85
[maternidade] 44	[procurem seus rostos] 86
[sensações] 45	[ogum] 87
[necessidade] 46	[corpo de Iansã] 89
[...] 47	[feiticeira] 90
[condescendência] 48	[lugares] 91
[invenção] 49	[encontro] 92

[rosto para brincar] 94
[onde?] 95
[borboleta] 96
[tempo] 97
[póstuma] 98
[sentido] 99
[devaneios] 100
[do amor] 101
[imprevisto] 102
[off-line] 104
[restos] 105
[virtualidade] 106
[fim] 107
[morte] 108
[delicadeza II] 109
[caminhos] 110
[o estranho] 111
[artesanato] 112
[desilusão?] 113
[tocar] 114
[striptease] 115
[prazer] 116
[pathos] 117
[morte] 118
[encanto] 119
[ao acaso] 120
[feiticeira II] 121
[ação] 123
[amor próprio?] 124
[intimidade] 125
[presença] 126
[solidão] 127
[devir outro] 128
[humano] 129
[lembrança] 130
[pele] 131
[intempestivo] 132
[vinho] 133
[aconchego] 134
[um descanso...] 135
[gênero] 136
[ódio] 137
[flamboyant] 138
[suporte] 139
[o amante] 140
[sinais] 141
[dilacerado] 142
[fronteiras e conexões] 143
[inimigo] 144
[incondicional] 145
[intimidade II] 146
[no entanto...] 147
[dor] 148
[bem me quer] 149
[afinidades] 151
bibliografia 155
filmografia 160
blogues 161

[resumo]

É sobre o amor. Não uma história nem um tratado. Tampouco uma filosofia. Ao mesmo tempo um pouco disso tudo. E mais as ressonâncias e as reverberações. Colhidas aqui e ali. Na música popular, na poesia, na ficção. E na voz anônima das ruas. Nas conversas jogadas fora das mesas de bar. Na vida.

Sem muita sistematização. Nem método. Pastiche. Imitação amorosa. Com enxertos e mestiçagens. Drummond com um pouco de Deleuze. Spinoza com Baudrillard. Chico Buarque com Kiarostami. Michel Foucault com Fernando Pessoa. Arnaldo Antunes com Félix Guattari. Mário Quintana com Renato Russo. E tantos mais. Que o amor tem muitos autores. E muitos cantores. E muitos cantares.

É uma educação. Sentimental, afetiva, da sensação, da sensibilidade. Da alma. Do coração, do rosto, do corpo, das forças de que é composto. Do amor. Que é cego nos encontros e cego nas despedidas. Da paixão que é

uma potência. Da sedução que é um jogo. Da imaginação que alimenta a vida dos apaixonados.

Transitam: a perda do rosto e a rostidade. A velocidade e a lentidão. A solidão, o acolhimento e o esquecimento. A delicadeza e o cuidado. O disfarce e a ilusão. O encantamento e a decepção. Os gestos e as sensações. A desaprendizagem e o desamor. Do amor: o que se quer, o que se investe, e o que se inventa.

Um pouco à deriva, o próprio tema cria sua teoria. Não se discorre nem se discursa: se escreve.

Palavras-chave: *amor, rostidade, potência, corpo, paixão.*

[abstract]

It is about love. Not a history of it. Neither a treatise on it. Not a philosophy of it. At the same time, it has something of all this. And the resonances and reverberations. Which were picked up here and there. In pop music, in poetry, in fiction. In the anonymous voice of the streets. In free conversations with friends around coffee-house tables. In life.

Without much method or order. A pastiche. An imitation: full of love. With some grafting and mixing. Drummond with a dash of Deleuze. Spinoza with Baudrillard. Chico Buarque with Kiarostami. Michel Foucault with Fernando Pessoa. Arnaldo Antunes with Félix Guattari. Mário Quintana with Renato Russo. And many others. Because love has a lot of composers. And a lot of singers. And a lot of singing.

It is an education. A sentimental one, an affective one. An education of sensation, of sensibility. Of mind. Of the heart, of the face, of the body, of all the forces which give form to love. It is an education in love. Which is blind in first encounters. And in parting too. It is an educa-

tion in potency. In seduction: which is a game. In the imagination that nourishes the life of lovers.

These are things which run through it: the loss of face, and faciality. Speed and slowness. Loneliness, comfort, and forgetfulness. Sensitiveness and care. Disguise and illusion. Fascination and disillusionment. The gestures and the sensations. Unlearning and unloving. What we want from love, what we invest in love, and what we invent when we are in love: these are all here.

A little at lost, the subject creates it own theory. There is no argument here, no discourse. Only writing.

Key-words: love, *faciality*, *potency*, *body*, *passion*.

[amorosidades]

O pai e a mãe.

As irmãs.

Os filhos.

Os amigos.

A orientadora.

Os da matilha.

Um amigo, único.

[arranque]

Escrever sobre o amor, seres amorosos que somos, educados, e educados para o amor, é uma tarefa de extrema dificuldade, caso o intento seja o de explorar linearmente este amor, sua origem, sua história. Nunca apreenderemos o absoluto desse amor cheio de dobras. Se o fizermos analiticamente, num descuido reviram-se as próprias entranhas, penetradas por ele, desde cedo, que somos. Amor como produção humana espalhado sobre a terra. Criação que foge do humano e visita outros reinos. Fez para si um rosto e um corpo: agora dança sozinho nos limites estreitos da linguagem enquanto rosto, saltando, no entanto, para seu fora enquanto desejo. Não segue uma linha reta que possa ser percorrida sem que nos desorientemos. Ao contrário, rastreá-lo se faz por saltos e malabarismos, pois ora é rosto, ora é corpo que foge e nunca está onde o esperamos. Já quando não se espera, surge de súbito e não se pensa mais só, contaminados facilmente por ele. Por isso, fragmentos. Fragmentos de olhar que adicionam alguma coisa indefinida ao (con)texto

amoroso. Se isso for muito impreciso, pode-se dizer: o seu próprio e povoado amor.

[a exterioridade do amor]

Do amor se quer o impossível: uma proximidade (e uma intimidade) que se traduza num desejo de fusão tão grande que se tornem desnecessárias as palavras de amor e, ao mesmo tempo, uma distância modesta que me diferencie do outro e preserve o meu “eu”, que impregne a maior parte do que sou. Duas invenções a serem investidas: o amor e o eu. Investimento numa interioridade imaginária que não suporta a realidade e vêm aos poucos se desmanchando. O amor sofre com tudo o que lhe é exterior, teme deixar de ser, sem perceber as forças com as quais é composto. Será esse o sentido profundo do ditado “o amor é cego”? Melhor se fosse dito: não é que o amor vai se tornar outra coisa, tornar-se outra coisa é o que constitui o amor no que ele é. É o exterior que cria e modela o eu (rosto) do amor. E o que seria este exterior senão a própria linguagem “narrativa exterior, mítica”, onde se cruzam o amor e a morte? Uma linguagem que o possibilita e o prende: o amor tem um rosto!

Desenhar o rosto do amor mais do que escrevê-lo. Apenas um desenho de rosto. Rosto espi-chado sério comprido sereno arrogante alegre ausente sisudo gordo suave triste morto descon-fiado amoroso possível. Ao desenhar o rosto: desenho quase caricatura. O amor não pode ser desenhado senão em caricato, sob o risco de uma seriedade absurda que lhe é dada, que o congela e que lhe rouba o que tem de belo, de alegria e de leveza. Afirmação: o amor não pode ser levado a sério e é assim que o amor fuga do rosto, quando salta fora do sentido ba-nal das aparências e cria para si um sentido exclusivo. Amor cuja essência é a incansável tentativa de novas expressões.

[metáfora]

O amor é uma metáfora (pensar bastante, antes de afirmar). Perguntou ao amigo que amava se o amor era uma metáfora. O amigo respondeu: “Não, o amor é como a eletricidade. Pra saber o que é tem que mexer no interruptor. (Que é, claro, outra metáfora)”.

[fotografia]

Creio que a idéia de enquadrar um objeto numa imagem é tão importante quanto o conteúdo. Ao escolher e enquadrar alguma coisa, nós lhe damos a dimensão da importância que provém do fato de a termos selecionado. No momento em que se seleciona algo, lhe conferimos um valor adicional que a distingue de toda e qualquer coisa.

Esse valor adicional, que pode se dar pela fotografia, desenho, que pode ser um texto, ou muitas outras coisas, é, antes de tudo, um olhar. Que, ao desenhar, aproveita a distração do outro (outro = o amor) e acrescenta-lhe linhas, conexões, cortes, ou modifica (rabisca) traços dos quais não gosta e que é puro capricho. Possibilidade de uma ética para o amor: ética da variação do rosto, eternamente inconclusa, sempre por se fazer, ética caprichosamente aberta aos devires.

[a perda do rosto]

Como termina um amor? O quê termina? Em suma ninguém – exceto os outros – nunca sabe disso... Eu mesmo não posso construir até o fim minha história de amor... O final dessa história assim como minha morte pertence aos outros.

Ao final do amor, certa paixão às avessas: exagerada sensibilidade ao que no outro (que está prestes ao desamor) não me convém, desagradada, entristece. A perda do rosto (apaixonado) é maior que a perda do outro: dismantelamento de crenças e convivência com o vazio: contato com o vazio porque todos são iguais: nas partes vazias do vazio. O nada que compõe o corpo. Sem rosto: sem olhar. Impossibilidade de ser afetado: menor capacidade para alegrar-se. Amor cego nos encontros e cego nas despedidas. Por amor ao rosto, o amor prolonga seu tempo, cria outro (tempo) mais espichado. Tempo extensivo: meses, anos, décadas. O amor cria a conjugalidade, casa com ela, dorme com ela, acorda com ela, comemora bodas e convida amigos para festejar. Tenta, sinceramente, fazer festa e não compreende sua tristeza. A fartura rodeia-o, nada lhe falta (parece).

O corpo desejante, no entanto, pede mais. O corpo desejante do amor. Amor que não tem somente rosto, que tem também um corpo que lhe dá sinais do menos.

[fases]

Criou-se uma crença: a das fases do amor em que acontecem as crises. Previsibilidade e predizibilidade. Em torno disto monta-se um verdadeiro dispositivo que reage à crise naquilo em que ela deixa brechas. Uma política do preenchimento é posta em ação. Política das emergências do casamento (se for o caso). Traçada minuciosamente. Comemora-se depois com vinho. E este é o momento em que os deuses gargalham, dançam e profanam o ritual doméstico e domesticado que não descansa de controlar, alheio à sua própria incontrollabilidade.

[estar só]

O estar só nada mais é, muitas vezes, do que um estado de preparação para o grande encontro. Nesta preparação um enorme dicionário de sinônimos descreve o futuro amor e prepara o estado de ânimo da relação, ao mesmo tempo em que marca os lugares de poder. A outra metade da maçã aguarda o seu tempo em algum lugar do mundo. À medida que esse tempo passa, isso começa a ser desacreditado. Inicialmente, dúvida discreta; posteriormente, certeza empírica. A gente se dá conta da irreversibilidade da solidão. Inevitável. A incansável busca do preenchimento. Desejo da falta, distanciamento do corpo, do imediato: cansaço. E tudo o que se quer é tranqüilidade para viver, só.

Ao desistir de encontrar o “grande amor”, a “outra metade”, a “alma gêmea”, ganha-se em velocidade: rapidamente passa-se a outra posição, a de seres completos mesmo que vazados, furados, imperfeitos. Completude não da perfeição, não do bastar-se (quer dizer, um pouco, sim), mas do namorar com a solidão, solidão onde nada falta, onde tudo está como deve ser:

a melhor companhia que se poderia ter, essa solidão povoada de mundo e por isso, aberta aos encontros.

[acolhimento]

Abertura de si. Ao outro, ao amado, o qual precisa, naquele momento, da aceitação integral, do distanciamento de qualquer juízo, sob o risco de perecer. Melhor dizer: deslocamento de si. Uma política de distribuição põe-se em movimento. Distribuição dos afetos bons. Interrupção de sofrimento e possibilidade de extensão de um afeto nutrido pelo próprio corpo. O outro, ao ser tocado por tal cuidado, experimenta o corpo que lhe acolhe, espalha-se nele, penetra e se desmancha: no abraço, no olhar, na voz, no calor das mãos, ou nas palavras – escritas ou sussurradas. Nessa dissolução momentânea e simultânea das fronteiras entre os corpos, muitas outras coisas passam e preenchem o encontro. Nada que não for da hora poderá vingar.

[esquecimento]

Subitamente uma notícia triste atingiu-a. Mesmo assim, passou o dia a trabalhar, a ter encontros. Por vezes, parecia estar assistindo um filme mudo, via bocas articulando e procurava decifrá-las com os olhos. A suspensão ganhava terreno. Engolia tudo. Dor nos pés. Pulava de bom grado as partes iguais das frases. Esforço necessário para se preservar da chatice, da tagarelíce. Sensação de estar muito viva. De repente: tudo sem sentido. Começar sempre cansa. Se for igual... Se pudesse ser. Não pode! E, no entanto, retornar será sempre diferente. Frente ao amado um relâmpago de memória atravessou-lhe a alma. A notícia triste que espreitava derramou-se e disse. A que lembrou pensou que não tinha mais culpas. De entregar-se ao esquecimento. O outro lhe disse: “impossível viver sem esquecer”. Quanto mais esquecimento mais se vive. O corpo vira raio luminoso. Sem memória. Banhado de presente. A memória pende fora, acessível. Absoluta: para o acontecimento.

O coração se acalma. Última culpa? O outro mostra aí o seu amor. E passa a ser adorado ainda mais.

[delicadeza]

Mesmo provocado a isso: repartir o amor, distribuí-lo por merecimentos e dedicações. Finge não entendimento. Faz: distribui beijos, olhares, sorrisos. Seduz. Disfarça. Esquece. Sabe que está num jogo de vida e morte, mesmo que muito cedo, e que não vai morrer de verdade agora. Assim, cruza seus dias inventando, disfarçando e sempre querendo o que lhe parece mais útil. Certa negligência com o aprendido (nada educado que fica) faz com que se afaste das polaridades. Cria sua própria distribuição em ato.

[botões (cuidado)]

Ao querer preservar o outro e assim, o seu próprio amor, X cuida para que ele não se afaste muito daquilo que suportaria de diferente e tenta mantê-lo, esteticamente, dentro dos padrões suportáveis e um tanto distante das fronteiras do desamor.

Ao reparar-lhe o botão caído, oferece-lhe sua coleção. Y, ao perceber isso, mantém duas posições um pouco em suspensão: atento ao convite, sem muito entusiasmo guarda para si a curiosidade e imagina botões coloridos de vários formatos, apesar de achar que X não usaria muitos botões coloridos. Diz que sim. E também resiste um pouco (sem ênfase alguma), para poder manter certo descuido e continuar a ser o que é e, sendo assim, ao não se subjugar ao total desejo de X, também cuidar do amor. Desses cuidados em três tons – de si, do outro, da relação – jamais se saberão os limites do suficiente para cada um.

[desaprendizagem]

Lutar com unhas e dentes para que a verdade seja um bem. Ambos, verdade e bem, sendo o muro construído entre o eu e o outro. O que os impede de fundirem-se. Ou: o que os funde na fraqueza. Nas primeiras brigas pela posse da verdade, mesmo quando um sai vitorioso, carrega consigo um inexplicável sentimento de vazio. O vazio da verdade. O outro, racionalmente combatido e emocionalmente abatido, dobra-se humilhado, vencido por uma pseudo-razão que brilha. A situação é a seguinte: se alguém ganhou alguma coisa foi a idéia de verdade que continua reinando. Dois perdedores se consolam no que restou, quase nada. Perda de sentido do amor. Início do fim.

[disfarce]

É impossível disfarçar uma atração se ela é recíproca, por mais inocente (inconsciente) que seja (algumas não são). O corpo denuncia com suas entonações de voz e suavidade de olhares mesmo discreto. Já a mentira, esta se aprende. A voz, inicialmente trêmula e gaguejante, torna-se, com o treino, implacável e confiante. É preciso acreditar nela e cobrir-se de imoralidade. Mas tem que ser por uma boa causa (própria). Quanto à atração, o observador atento participa como um intruso. Sente no próprio corpo aquilo que, consciente ou inconscientemente, é tentado levar à impossível discrição. Goza de carona. Todos disfarçam.

[encantamento]

O enamorado, ao conseguir expressar aquilo que o encanta, produz no ser amado, ou no candidato ao amor, certa potência que irradia e dura um tempo indeterminado, horas, anos, décadas. Diz ele: “me encanta o jeito como olhas e te movimentas”. Fala de uma exterioridade, pois ainda não conhece interiormente o outro. Assim lhe dá um presente que é ele mesmo. Aquilo que ele não sabe de si. E a paixão começa criando sulcos neste exterior. Ou até mesmo: uma interioridade própria. Na paixão, desde sua origem, a ocupação primeira sempre será consigo.

[sinceridade]

Fazendo par com o respeito (e quase como sinônimo deste), a sinceridade é considerada a pedra fundamental do procedimento amoroso. Aquele que é sincero com o seu amor carrega no peito o orgulho dessa qualidade. Alguns sentem o seu peso, mas mesmo assim cumprem o contrato. Até que um dia aprendem que não ter o mesmo querer ou gosto, e declará-lo (uma roupa, o cabelo, um simples comentário), pode ter conseqüências maiores. Do menor, o maior é deduzido: por vezes, a sinceridade está muito próxima da estupidez, o exercício cruel da verdade de um sobre o outro. O modo como se modula a verdade (do momento, é claro) não pode ser visto como mentira. Mais próxima, essa modulação, está da sedução, por deixar em aberto uma passagem em que o outro intervirá na resposta que o jogo amoroso necessita para dar continuidade a si mesmo. Algo como uma distribuição de poderes. É claro que não sem algum resquício de crueldade, pois daí já seria mentira.

[detalhe]

Tanto o apaixonado quanto o sedutor (que nem sempre coincidem) possuem uma visão microscópica para os pequenos detalhes do outro: um tom diferente, uma pequena desatenção mais do que (uma) atenção. A pronúncia de uma palavra, “um pequeno sinal adquirido”: Um contraste com qualquer outra coisa. Um murmúrio atrás da orelha: “Ai! doeu? ainda dói? ...a voz mais rouca... as lembranças acompanham até o fim um *latin lover*... que hoje morre de tédio”.

O apaixonado percebe esses detalhes por ser todo olhos e ouvidos: o corpo todo voltado ao seu amor. O sedutor aprendeu e apreendeu a técnica da sedução e isto faz parte da sua estratégia de aproximação: a dança na qual um se deixa prazerosamente e perigosamente levar pelo outro. E o detalhe é a partícula mínima de toda uma máquina posta em ação.

[ilusão]

Alimento diário (e noturno) dos apaixonados. Possui uma forte rede de comunicação que ininterruptamente (se isso for possível) lhes dá o mapa de como prosseguir no seu trajeto rumo à felicidade.

Felicidade por si só muito duvidosa: nada indica aquele sentimento de paz e tranqüilidade que a imaginação produz (ou reproduz) quando se pensa em ser feliz. Ao contrário, sobressaltos, pressentimentos, ciúmes, quase uma escravidão, ou mais.

Ao mesmo tempo, arrebatamento. Um “contentamento descontente” e o corpo torna-se mais vivo do que antes: isso não é imaginação. Por isso são coisas distintas o apaixonamento e o amor. E o primeiro não leva ao segundo, como, muitas vezes, se crê.

Ao apaixonado interessam mais os delírios que esse jogo da paixão lhe dá do que propriamente a conservação do amor. Aliás, a ilusão não se conserva, consome-se (e junto, o apaixonado).

[arrebatamento]

O sedutor aproxima-se (apodera-se) da mocinha estrategicamente, seguindo os signos da sua intuição de sedutor. Que faz isso para existir, para não ser tomado pela força maior feminina. Para ser diferente, esforça-se. Tanto, que a subjuga na inocência que tem da força de sedução que é dela. Ela, não resiste, deixa-se levar. Se dá e nada guarda para si. Nessa estranha economia, na qual o que se tem se dá exatamente por nada conservar.

[gesto]

Quem ama acompanha com ternura os gestos do amado. Decora a seqüência de movimentos e deleita-se em observá-los em silêncio. Qualquer interrupção, nesse momento, quebra o ritual silencioso e quase incompreensível de que é feito a maior parte disso que se ousa chamar amor.

No amor, alguns signos assumem a maior relevância: os escolhidos pelo par amoroso. Qualquer mudança pode causar estranhamento. A flexibilidade ao estranho dá a esse amor o *quantum* de mundo que ele necessita para viver: é o corpo do amor intensivo. Se o esforço tem força dupla de afastamento do estranho, vive-se um amor morto, infeliz, normatizado: o rosto sério e carrancudo do amor.

Composto geralmente por vários desses movimentos, o amor tem uma estratégia de procura do estranho: o olhar.

Os olhos são o espelho da alma.

Ao procurar os olhos do amado, o apaixonado quer mesmo é ver a alma do outro e assim saber

o quanto de si continua lá (espelho). Qualquer desvio no olhar, piscada mais rápida de olhos, ou mesmo certa fixidez ocular já causam certo alerta. Algo acontece e é ainda pelo olhar, antes que pelas palavras, que se dá a tentativa de descobri-lo.

[decepção]

Sentir que o amado, num momento de extrema lucidez, percebe aquilo que aos dois desgosta não ter em um. Ilusão a menos. Decepção simultânea. Necessária. Mais realidade (não realidade a mais). E um ganho de reciprocidade. Alma exposta e vulnerável que recebe acolhimento. Território desconhecido. Desmanchamento por dentro. Uma outra coisa se cria, algo se alarga. Encantamento às avessas.

[ausência]

*Por muito tempo achei que a ausência é falta
E lastimava, ignorante, a falta.*

Hoje não a lastimo.

Não há falta na ausência.

Ausência é um estar em mim.

*E sinto-a tão pegada, aconchegada nos meus
braços*

*Que rio e danço e invento exclamações ale-
gres.*

*Porque a ausência, esta ausência assimilada,
Ninguém a rouba mais de mim.*

A suavidade da ausência assimilada (morte, viagem, separação) quase impossível ao apaixonado sem que ele também morra, ou separe-se de si: assimilação por separação. Suavidade da morte. Aquilo que, sendo do outro, torna-se meu e acompanha a minha eternidade por todos os segundos da minha vida, ali, quieto, forte, presente. Meu. A antropofagia do amor.

Saídas que o amor inventa para não morrer, apesar da morte. O amor carrega em si a sua eternidade e o seu fim. Amor que é amor à própria vida. Nem mais nem menos. Amor que come a vida e aprende a amar com ela.

[último fim]

Um dia, acontece. Ao olhar o outro, se é tomado de um excesso de realidade absurda, incomum, e que bem poderia ser chamada lucidez. Uma seqüência de olhares, uma inclinação de cabeça (acomodação visual), pequenos sinais (os de sempre) desenrolam-se passo a passo. Absolutamente nada mudou. O outro segue o seu ritual: sozinho, desavisado. Hora de ir embora. E não olhar para trás. Pode-se crer que o amor termina quando alguma coisa muda num ou noutro. Curiosa experiência de vê-lo fulminado com um raio do mesmo.

[exigência]

A exigência de ser amado, a impotência de ser seduzido.

As disparidades no encontro amoroso nos levam a pensar: a capacidade de amar e a de ser amado (que, apesar da gramática, nada tem de passivo) dá-se pela capacidade maior ou menor de afecções possíveis a um corpo. E o que dizer da capacidade (maior ou) menor de seduzir e ser seduzido? Trata-se de resistência ou de impotência a ser seduzido? E ainda: o que faz alguém querer conservar um poder contra um não-poder (tudo o que a sedução é) senão a própria sedução que o poder traz em si? Deixar-se seduzir, então, não é somente abrir mão de poderes e preferir o jogo, aberto, reversível, inseguro, se o próprio poder tem a sua sedução. Possivelmente uma menor capacidade à sedução tenha relação com a maior gulodice do tudo querer. Novamente o excesso pervertendo os encontros. Ainda a busca do espelho, a necessidade de garanti-lo, a persistência do “eu” (= exigência de ser amado). Arrisca-se dizer: impotência ativa.

Pode-se falar ainda da velha chantagem do “tu te tornas eternamente responsável”. E assim decide-se nunca mais cativar ninguém: a boa resistência, também ativa.

[espera]

A agonia da espera do outro que não chega nas longas horas da madrugada: dá-se menos pela ausência e mais pela colocação do eu, não no presente imediato, mas num futuro que está por vir: a chegada. Mesmo tentando ocupar-se e pensar noutras coisas, a pré-ocupação domina, imagina, fantasia, cria cenas, diálogos, solilóquios... Pensamento inquieto. Certo dia cai-lhe nas mãos um livro: *Não apresse o rio, ele corre sozinho*. Dizia o óbvio: só se vive no presente. O amor ao livro, que trouxe a realidade, o presente necessário ao viver, cura a agonia do amor ao outro que começa a ser desamado, sensivelmente.

[fragilidade]

Mostrar-se frágil ao outro pode ser uma estratégia duplamente falida: quando é uma estratégia de busca de cuidados ou atenção (“estou carente”) afasta a quem não tem vocação para a maternidade. E também: ao perceber o distanciamento do outro o apaixonado sente-se mal amado e percebe primeiramente não a si, mas ao outro, e afunda-se ainda mais naquilo que não tem e quer que o outro supra, preencha completamente e sem interrupção.

[perdas]

Afastar-se de um amor por querer não parece coisa do apaixonado. Ainda mais quando há correspondência. Exceto se há um querer maior, pura necessidade, força maior que, desprezada, pode ser fatal. Afastar-se de um amor é afirmar o próprio amor como sendo completo, suplementar. Nada lhe falta, nem a presença. Aceitar o risco, muito possível, de que acabe, é a sua saúde, a beleza e a possibilidade do amor: antecipadamente aceitar a sua morte e arriscar que ela não aconteça.

[maternidade]

Por vezes esse excessivo silêncio que engole tudo que parece o fim nem se sabe de quê: sentimento de desamor, solidão? Na curva do vento surge uma imagem: sou grande e pequeno. Grande no que quero dar. Pequeno por não ter a quem. Aquilo que extrapola o eu inquieta e é confundido com falta de alguma coisa, e que pode ser apenas a plenitude de existir, ou o sentimento de amor, sozinho. O corpo tem em si tudo de que precisa, mas não é o que se sente, já que esse corpo não se faz sozinho. Buscar o rosto (materno) é querer descanso (tudo o que não vai se ter). O rosto embala a mãe embala. Invenção do amor materno: não há inferno mais doce.

[sensações]

Cada hora [...] se cobria de um luxo de sensações.

A desnecessariedade da presença do amado: apesar da ausência, pela simples lembrança, o corpo se deleita num luxo de sensações, que bem pode transbordar em sensualidades e dar a certeza ao apaixonado da absoluta centralidade (e, por isso, importância) que esse amor tem na sua vida: pelas afecções a que seu corpo está exposto, independentemente da sua vontade, mesmo que seu desejo seja coincidente com ela.

[necessidade]

A necessidade de corpo que o amor tem é semelhante à necessidade que o apaixonado tem do outro: ambos querem mais do que nunca preservar sua existência (manter-se apaixonado), mesmo que ao custo de se consumir. Paradoxo que mantém a tensão necessária e cria essa dobra, lugar que não é dor, gozo, paz, que não é nada, além do pulso, do silêncio, da intuição.

*É preciso amar as pessoas como se
Não houvesse amanhã
Porque se você parar para pensar
Na verdade não há.*

Desespero: sensibilidade de quem ama e que, em par com a angústia e a solidão, grita aos quatro cantos que não quer um sentido só para si. Guardar no mais íntimo da alma a vontade quase inumana de querer a experiência do amor para toda a humanidade. Mesmo sabendo-o inventado. Partilhar um mesmo sentido, num mesmo momento: encontro amoroso.

[...]

*Amou daquela vez como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único.*

Realidade: fazer o que deve ser feito. Não no sentido da obrigação, mas da necessidade. Pode-se imaginar um amor puro, não humano? E que já não se chamasse mais amor, mas realidade?

[condescendência]

E dizia-se que aquilo era amor, quando era a maior negação do outro que se podia: *Dog Ville*. Diminuir-se, na relação, aceitar de bom grado dar a outra face. Na tentativa de fugir da violência, a criação de uma violência de outro tipo, só que disfarçada de amor: a condescendência. Que o outro suporte o peso do meu corpo dado (na cruz). Ofereço minhas chagas, sou o cordeiro imolado. Creio na redenção e fabrico uma sensação de paz muito próxima da arrogância, uma calma dos crentes (ou dos que têm uma causa) que se sabem amados por uma criatura muito superior (naquele momento eles são superiores pelo amor que julgam receber, pela atenção especial destinada a eles em decorrência das orações). Ao deitar o rosto no travesseiro, uma satisfação e até mesmo um pequeno sorriso.

[invenção]

Se o amor é inventado, o inventamos mesmo sem saber? Como saber o que separa esses amores relâmpagos disso que, também inventado, se chama caridade (sinônimo de humanidade), condescendência? O peso do não recebido, do “a mais” que quero dar e por isso já não é meu. Acomodar o amor excedente em si: um corpo não suporta, se for o caso, a própria caridade.

[desencontros?]

Perdi o ônibus. Mais uma vez. Não me contento com esse tempo: dos desencontros. Entro no primeiro que passa. Só para não ter a sensação de estar esperando. Desço no centro da cidade. Preciso pegar outro ônibus. Começa a chover novamente. Muitas pessoas embaixo da marquise. Ônibus chegam e saem. Nenhuma novidade. Agora tenho um tempo sobrando. Antes, faltou. Presto atenção em uma família que desce. A mãe, o pai e umas quatro crianças. Um menino carrega sacolas e um balão verde. Outra irmã bem pequena é levada pela mão da mãe que também carrega sacolas. Uma adolescente carrega uma menininha. Isto não é raro. Fico olhando-os a perder de vista. O menino por último. Logo que somem ainda os sinto. Ainda não havia mudado o foco do olhar quando um balão verde voa em minha direção trazido pelo vento. Reconheço-o logo. Pego-o com força. É estranho pegar um balão com força. Ando rápido e sem pensar até o menino. Quase esbarrando em algumas pessoas para poder alcançá-lo antes que sumisse para sempre. Assim que o alcanço, ele olha com quase desprezo para o

balão e a mim lança um olhar agudo e diz que o tinha soltado. Fiquei ali boba com o balão na mão. Lembro agora de Kiarostami com o sanduíche. Não conseguiria largar o balão assim, de qualquer jeito. Quase corri por ele também. Não só pelo menino. Pelo balão verde. Achei que um balão verde valia uma corrida. O menino não. Acho.

Quando voltei um velhinho que vira tudo me disse: “Ele tinha que largar alguma coisa”.

De algum modo aquilo ficou ainda agindo no meu corpo. Fiquei pensando. Depois fui entender: dentro do ônibus, velocidade zero (todos em relação a cada um e vice-versa). Indiferenciado. Usuário. Simples. Tempo para brincar de sentir a leveza do balão. Sua pele suave. Seu perigo de estourar. Tentação!!! BUM! Todos se deitam no chão temendo bala perdida. A transparência. A lisura. Verde mar. A deformação dos rostos via transparência do balão. O descanso. A meninice. No devir-criança do menino, juntos o peso da sacola e a leveza do balão.

Ao descer, nada daquilo fazia mais sentido. Suavidade não existia. Tinha que ser inventada. Mesmo que, no ônibus, com o balão. Não podia soltar as sacolas com as coisas importantes para a família dentro.

Queria apenas saber que fragmentos de leveza ou de verde ele carregou consigo. Já que, de repente, aquele balão sem um menino, pesava em minha mão.

[vício]

O vício, no sentido corporal (biológico?) do termo, a que o corpo do sujeito apaixonado está exposto. Vício de carinhos e atenções que o fazem buscar exatamente aquilo que o escraviza: as alegrias que o outro lhe proporciona e quer repetir infinitamente, o corpo.

[“segredinho sujo”]

Nunca se sabe o que fazer com o amor. Ao misturar amor e sexualidade (e quem disse que são separados?) e não acreditando na hipótese repressiva (onde o falar sobre já faz parte do discurso e não se caracteriza como repressão, ao contrário), ocorre: tentativa vã de combate ao segredinho sujo: conscientemente fazer deslizar o amor no fluxo corriqueiro das línguas e, ao fazer isto, produzir exatamente aquilo que afasta o amor de sua liberdade.

[cartas]

Ao escrever uma carta para seu amor, o apaixonado, se esta carta não for enviada imediatamente, provavelmente desistirá do intento. Motivo: o sentimento amoroso é recoberto de uma atualidade que permanentemente lhe acrescenta algo. O que foi escrito aparecerá como menos e não será digno de ser enviado. O apaixonado luta constantemente com a linguagem, onde não cabe o seu amor. Ao mesmo tempo, deliciase em reler as cartas recebidas e parece-lhe que ali está: tudo.

[a esrileitura do apaixonado]

O impulso à experimentação de escritura exige do leitor apaixonado a sua própria morte enquanto leitor e enquanto apaixonado. Impõe-se assumir o fracasso antecipado do uso da linguagem para a expressão do amor, sem qualquer certeza de poder ultrapassar suas fronteiras e também sem a certeza de deslocar-se do lugar de sujeito do apaixonado.

[mensagens]

Mais possível que o apaixonado deste início de século 21 afogue o seu amor em e-mails e torpedos: tentativa de completar aquilo que nunca poderá ser dito.

[romantismo]

Utilizado mais recentemente também para vender produtos, investe precocemente suas estratégias ensinando os meninos desde cedo a oferecerem flores para suas mães e professoras. Com isso, o gesto delicado e prazeroso é roubado (mas não completamente) no seu único sentido possível: delicadezas de amor.

[religião]

“Amai ao próximo como a ti mesmo”: difícil uma prescrição desse tipo dar certo. Saber ao certo onde começa o amor próprio e como distribuí-lo ao outro é algo que permanece numa região indiscernível e a que não se tem acesso. A caridade surge dessa prescrição, como uma farsa produzindo efeito contrário, “escondido” em si: amo e sou caridoso para ser amado por deus. O crente continua sendo um apaixonado.

[o encontro amoroso]

Não cabe em nenhuma categoria que se pretenda colocá-lo e compõe-se com tudo o que está à sua volta: aquela temperatura, aquele clima, o sol ou a chuva, os ruídos ou o silêncio. Aliás, esse encontro produz para si um silêncio próprio que coloca em suspensão tudo o que não é da ordem do acontecimento. Está mais para o evento do que somente algo entre dois seres, não necessariamente humanos.

[acontecimento]

Sou um homem. Tenho um amigo. Outro homem. Mas isso não importa. Que seja um homem. Levei-o para voar. Gosto de voar com alguém. E tenho o prazer indescritível de ver alguém maravilhado. Vou contar como é.

Aviso que é perigoso. Antes de mais nada. Experimenta-se certo medo de cair, quase uma vertigem. Constante, suave, mas que não atrapalha a beleza da viagem. É uma viagem, mas não se vai a algum lugar. Ora tem algum vento mais forte, ora um prédio mais alto de que se precisa desviar. Mas pode-se ir muito longe. Por campos abertos ou vegetação cerrada e tanto para cima como para os lados.

Somente para baixo existe o terrível perigo. Este perigo, devo dizer que é somente meu. Não sei se é de mais alguém e depois eu conto. Falava da viagem. Vou contar esta. Todas são diferentes, apesar da permanência daquela vertigem. Acho que a vertigem é o único ponto em comum a cada vôo.

Fica-se muito leve. O olhar fica solto. O corpo segue a direção do olhar. Pode-se brincar de ficar dando voltas em parafuso para um lado e depois para o outro. Mas não se deve deixar que as brincadeiras atrapalhem a beleza do que se vê. Bobagem isso. Elas fazem parte da beleza do que se sente. Aliás, brincar de subir e descer, guardados alguns limites, é o maior prazer. Não o maior, pois o que se vê é indescritível. Agora minto, pois o que faço aqui é tentar descrever. Não sei se conseguirei. Vejo essa tarefa um tanto impossível. Mas continuarei.

A experiência de não ter limites, exceto para baixo. De fazer variações nos deslocamentos impensados. Lembro agora que numa de minhas viagens tive um medo muito forte. O de subir demasiadamente para cima, ao infinito. Estive próximo de me tornar outra coisa. Fiquei no limite. Eram forças opostas e fortes. Outro mundo, estranho, não humano e fascinante.

Agora acrescentei mais um, pois havia dito que era somente para baixo o perigo. Não é.

Não posso, agora, falar mais sobre isto. Somente quero dizer o que realmente me encanta. Enquanto se está lá em cima. Sente-se poder tudo. E lá em cima se pode tudo. É o máximo da potência. Mas não é o mundo dos homens. É o mundo.

Não digo com isso que não há beleza no mundo dos homens. Digo que quando se desce, demora um pouco para voltar um senso de coletividade que se tem. Fica-se num limiar, incerto, perigoso. Desaprendem-se os símbolos. Segue-se apenas com a intuição. Ela pode nos salvar, com sorte. E pode-se também, enlouquecer, pois o que se pode é arrancado de nós por essa mesma coletividade acostumada em demasia com as regras da terra. Nem por maldade até.

Foi assim que meu amigo morreu. Ao descer, quis me provar que podia atravessar a rua. O que nunca consigo. À medida que me aproximo do chão perco as forças, ou melhor, forças maiores me puxam para baixo e quase desfaleço.

Encontro beleza e força somente em algum lugar que não é na terra e também não é no seu infinito oposto. É entre.

Quanto ao meu amigo eu o avisei. Ele ainda estava confuso e sem a orientação da terra. Cruzou uma rua de grande movimento. Voltou sorrindo. Fizera aquilo por mim. Estava morto. Choramos juntos a sua morte.

Mas vou contar como terminou nossa viagem. Vimos um sol poente grande e vermelho. Nossos corpos ficaram mornos e era uma felicidade incontida. Não tinha vento. Não tinha nuvem. Só tinha sol. E ele foi indo embora aos pouquinhos e isto era a eternidade. Indo para o lado oposto encontramos uma lua quase igual. Grande e vermelha. Sem calor e bela.

[desejo]

*Só o desejo inquieto, que não passa,
Faz o encanto da coisa desejada
E terminamos desdenhando a caça
Pela doida aventura da caçada.*

Veloz e a galope sobre o desejo, por vezes o amor vê-se só, desprovido de corpo. Não se confundem os dois (amor e desejo). Há um desejo próprio que é só do amor: sua secreta vontade de continuar existindo. O desejo, por sua vez, não lhe pede licenças para chegar, tampouco se despede ao ir embora. O amor fica por si vagando e vazio, indefinido: daí aquela vagueza de sentimentos que nos pega de repente e coloca uma dúvida persistente à qual se tenta não dar valor (como poderia haver vazios no amor?). Depois se vê (quando – e se – ele volta) que era somente uma rápida retirada do desejo, este sim, indomável, imoral, inquieto.

[irmãs]

São todas aquelas que poderíamos ter sido e talvez isso explique esse amor tão terno, quando há, ou esse ódio de não exclusividade, que insiste. O “poderíamos ter sido” é apenas uma brincadeira boba: não poderíamos ter sido nada diferente do que somos. Melhor, somos do jeito que deveríamos ser. Ainda: não existe “deveríamos”, ou “deveria” (futuro do pretérito: onde fica isso?). Ter irmãs é compor uma irmandade, sem referência a qualquer sentido religioso. A energia do feminino que circula nessa irmandade que inclui a mãe, mas não a coloca num lugar central, é avessa (vai a contrapelo) às organizações formais familiares, onde o falo (nos dois sentidos) é a força dominante. A divisão do humor –sessão de divisão do humor – era o que acontecia sem ter sido combinado nada, nunca. Um absoluto se formava ali e depois se desmanchava, até...

Curioso era o chamamento: “preta” que se distribuía em três tonalidades diferentes e cada uma sabia – não sem confusão, por alguma distração, quando era a sua vez.

[etiqueta]

Aprende-se a amar como se aprende bons modos à mesa: “você deve...”, “à esquerda...”, “quando um homem...”, “o copo ao lado do...”, “no segundo encontro...”, “e os talheres...”, “falar do amor antigo...”, “servir-se pouco...”, “não falar muito...”, “ao repetir...”, “de uma mulher...”. Assim poderá dar casamento (o fim do banquete). Impressionante o esforço que se faz para ser infeliz.

[ciúme]

Considerado popularmente o tempero do amor é, exatamente por essa razão, bem aceito, chegando mesmo a dar certo orgulho no objeto amado, fazendo-o com isso sentir-se querido e desejado. O que, obviamente, lhes dá também certo direito (um sobre o outro) que em muito facilita (se estende) o respeito à propriedade, à pátria, à conservação, que se fundem/confundem aí. Será essa a função social do amor?

[intuição]

O apaixonado tem muitas intuições, ao menos acredita tê-las. Logo que algo sai daquilo que é esperado, já se vê com presságios ou pressentimentos (coisas da sua fértil imaginação). Ora, um apaixonado, justamente por seu estado de apaixonado, deixando afetar-se terrivelmente por tudo que está à sua volta, e mais ainda por sua imaginação, distancia-se dessa intuição que é a habilidade do corpo, juntamente com a mente (livre das imaginações que a ocupam), de saber o que realmente lhe faz bem.

E ele e os outros me vêem.

Quem escolheu este rosto para mim?

[rubor]

Antigamente os apaixonados ficavam ruborizados na presença do amado. Hoje em dia, parece que o rubor caiu em desuso. Não se espera mais uma castidade ou mesmo certa pureza que era imprescindível ao outro (principalmente às mulheres) e que o fato de ruborizar deixava quase evidente. O que se espera agora?

[triângulo]

Parece que o triângulo foi a figura escolhida para encerrar e delimitar os processos afetivos, sejam eles sexuais ou amorosos. Edípiamente, desde cedo, a castração: do mundo. Amorosamente (sem oposição à amorosidade do édipo), as relações em corredor (eu x tu) esforçam-se para manterem-se assim e o triângulo é o perigo iminente (o seu fora) e tudo o que se cria é apenas uma aresta. Como o amor não se contenta, cria-se outra figura: o quadrilátero. E só para começar.

[susto]

Fica triste, o pequeno, ao descobrir que o coração, este que cresceu sentindo bater, não tem a forma [] que já amava. Suas mais queridas expressões (desenhos, cartas, bilhetinhos, presentes) não mais correspondem a seus sentimentos. Roubaram-lhe a forma. Ficou solto.

Não diz, porém, mais do que triste, fica é assustado ao pensar sobre todas as outras coisas que ainda não sabe. E uma leve sensação de ter sido enganado.

Grande oportunidade para calar. Para não mais dizer. Para “preferir não”.

Depois a gente cresce e não se assusta mais. Ao contrário, ajuda-se a criar formas padrões para as mais singelas e singulares expressões. Populariza. Serializa. Comercializa. O importante é a produção. Que bobagem isso da forma de expressão ter um conteúdo próprio. A forma expressa o conteúdo e pronto. E ponto. A prova disso é o sucesso que o [] ainda faz e o esquecimento de nossos sustos. Não? (!!!)

[hu(a)mor]

Num destes dias estrelados tinha uma lua bem pequena. Algo como um sorriso de gato de Alice. Ao contrário. Só um fiozinho amarelo. Minguante, acho (ou era crescente?). Mostrei-a, da janela, ao menino de três anos e lhe disse: “Olha, a lua está triste”.

Fui trabalhar no computador e ele ficou apreciando-a. Passados alguns minutos e já estando absorvida no trabalho, o menino insistia veementemente para que eu fosse olhar a lua novamente dizendo que ela estava feliz.

Sabendo da impossibilidade de uma mudança instantânea no humor da lua, eu relutava em levantar da cadeira, mas isso quase nunca é possível em se tratando desse menino. Não me deu paz até que levantasse.

Olhei e a lua estava do mesmo jeito. Então ele mostrou dizendo: “Faz assim”. Virou-se de costas para a lua e levantou a cabeça para cima curvando-a para trás até enxergá-la: feliz. Inicialmente, um tanto desconfiada e sem acreditar muito, experimentei. Tive a maior surpresa:

rimos bastante da mudança súbita de humor da
lua.

[retrato]

Quase um camarim. Espelhos. Batons. Pincéis. Lápis (o preto não pode faltar). Um pouco de purpurina. Artifício. Uma olhada no perfil direito. Outra no perfil esquerdo (o preferido). Um personagem. Ser muitos. No entanto, um rosto por vez. Máscara necessária. Cuida o corpo. Os detalhes. A vestimenta. O que pede este personagem? Recato? Sedução? Sobriedade? Não. Sobriedade não. Luz. Brilho. Ação: pronta para o amor. Aos poucos vai se esquecendo... tudo o que se pode ser. Isso, quando não está no camarim. Um quadro. A cada toque. Retoque. Delícia. Ir se inventando. Visto no espelho. Plano. De superfície. “É preciso fazer sempre e em toda a parte a aposta da simulação.” Assumir a sedução como desafio inesgotável e todos os riscos da reversibilidade, do excesso de realidade e mesmo o seu ressecamento.

[charme]

Talvez seja a parte mais sutil da sedução, o charme. Aquilo pelo qual a sedução ganha corpo, se materializa. Pelo qual pode ser vista, admirada, idealizada. Por isso mesmo nunca há concordância: quem ama vê coisas no seu amor que ninguém vê, e fica-se sem saber se isso é coisa inventada pelo olhar amoroso ou se é algo próprio daquele que é amado. Para saber isso seria preciso uma convenção de olhares. Geralmente não se vai mais longe: tudo o que o apaixonado não quer são outros olhares para o seu amor.

[alguém]

O teu charme fica mais na tua sinceridade do que na tua simulação. Por mais que a tua simulação seja (muito) boa. Aquilo a que admiro fará com que me afaste se for lhe dada mais realidade do que tem (para Baudrillard, também o sexo). Sei que isso se confunde toda hora, nada mais sincero que a simulação. Então, digo que prefiro, em ti, a simulação que tem menos realidade, sinceramente.

[repetição]

A repetição do amor sempre de forma diferente, que é o charme do amor. “Desejo inquieto que não passa”, também é sua dor, sua certeza de não repetição. A não repetição tem uma dor: a dor da não repetição. É uma tristeza que isso seja assim. É uma tristeza que isso seja assim. É uma tristeza. O bom é que: é também a sua saúde, a sua beleza, a sua alegria.

[declaração]

A declaração de amor, hábito lingüístico (repleto de palavras doces e muitas palavras estranhas, inventadas), acaba sendo hábito do desenrolar do amor na sua cotidianidade. Por vezes é transbordamento silencioso, mas o apaixonado suporta pouco esse tempo espichado sem sentido (cola o sentido nas palavras e não desgruda e nem descrê). Quer ouvir aquele tom sussurrado e não abre mão disso. Esperto.

[desamor]

O desamor nunca é compreendido. Não parece natural; o amor, sim. Parece que tem alguma coisa errada com quem não ama (e como saber que não ama?). Não é assim? Por que essa necessidade de ilusão que se tem, essa languidez, essa falta de forças, esse deixar-se arrastar. Certamente que o desamor tem seu lugar no sistema amoroso.

[persistência]

(Teve uma pequena experiência da não universalidade do amor, lampejo instantâneo). Resiste: “comprarei um gatinho”.

[masoquismo]

O prazer de estar submetido, de não controlar. A liberdade de se tornar escravo. O indomável do corpo forja sua expressão no deixar-se domar. Humilhações, chicotadas, dor e sofrimentos impensáveis. Corpo surrado, organismo desmanchado.

Mas o que é isto? Que passa? Talvez o desejado seja menos a dor e mais algo próximo ao milagre de deixar de ser o que se é. Por um movimento singular entregar-se à, por vezes, perigosa, excêntrica, criadora, experiência de um novo corpo, que, mesmo com aparência frágil, acorrentado, pisado, machucado, traz em si a coragem insubmissa de chegar perto daquilo que a maioria tenta em vão desviar: a dor e a morte. O trágico.

[fabulações *iansânicas*]

Dionísio e Iansã. Conheceram-se na floresta. Em tempos imemoriais. Festa. Encontro. Celebração da vida.

ELE: Dionísio, o dilacerado, por três vezes renascido. Deus do vinho. Da ilusão. Da loucura. Do amor.

ELA: Iansã, deusa dos ventos. Das tempestades. Dos redemoinhos. Que devasta territórios bem compostos.

Desta vez a noiva não é Ariadne, é Iansã que, por vezes, também se deixa capturar para escapar logo em seguida. Foge de um papel de mulher, qualquer que seja. Traça outros devires. E alimenta o devir-mulher. Nutrição. É o próprio devir. Entre o papel e o metal, antes o metal que é da guerra.

Os noivos (talvez nunca aconteça um casamento, talvez algo nunca seja consumado) têm mais de um nome. Até mesmo outros noivos, mas não se falará deles aqui. Mais de um corpo. E são deuses demasiadamente humanos na vontade de dançar e se embriagar.

Atendem comumente pelos nomes de Iansã e Dionísio. Vivem num outro tempo, mas neste mundo. Não precisam de nossa permissão, mas são felizes quando se lhes dá passagem. Este é o seu alimento. Brindam-nos com gotas de eternidade porque são deuses. Não têm medidas, apenas forças. E, o mais importante: fogem o tempo todo.

[seus filhos]

Todos os que se expõem à violência da vida e mesmo assim não preferem morrer. Os que não esperam de tudo a boa resolução e mesmo em silêncio e dor sentem o calor do sol e seu corpo por isso está alegre. Aceitam o seu ocaso. Deramam-se. Perdem-se. Não medem. Sabem estar sós. Fogem do familiar. Abrem-se aos encontros. Acolhem o estranho. Misturam-se. Dobram-se. Criam seus trajetos. Sujeitos a desvios, atalhos, encruzilhadas, mas nunca o caminho reto que leve à verdade e à luz. Obscuridades são próprias dos corpos.

Esquecem-se. Com facilidade. Caso haja alguma dúvida, resta saber se gostam de dançar.

[procurem seus rostos]

Um slogan. Procurar o rosto e desfazê-lo, para Deleuze e Guattari, também é fazer política. E pode-se pensar que não existem dois jeitos iguais de desfazer um rosto. Então, desfazê-lo no caso do amor, pode ser roer por dentro isso que o prende: formatos e fórmulas, receitas, triângulos, Édipos, expectativas, propagandas, símbolos, hierarquias e moralidades. Ao abri-lo aos devires intensos, conexão do corpo do amor com o desejo: traçado fino, esquivo, que compõe com as forças desconhecidas com que se desmancham os rostos. Estarão presentes dois personagens: Iansã e Dionísio, os quais incitam os corpos a dançar. Incitam à relação. Música e movimento. Devires sonoros. Embriaguez. Isso é fugir e não fugir: rosto para fugir.

[ogum]

Conta a lenda que Ogum foi caçar na floresta, quando viu um búfalo correr como se fosse um relâmpago. Escondeu-se e seguiu-o, pois viu que ele não era somente um simples animal. Chegando perto de um formigueiro, o búfalo tirou sua pele de animal e transformou-se numa linda mulher, Iansã. Esta foi ao mercado e quando voltou não encontrou sua trouxa com a pele. Voltando à cidade encontrou Ogum, que havia pegado sua trouxa e que devolveria com o trato de que Iansã casasse com ele. Nasceram nove filhos.

Certo dia as outras mulheres de Ogum embriagaram-no e este revelou o segredo de Iansã, de que não era somente uma mulher, mas um animal. As mulheres, para vingarem-se dela, ofenderam-na e revelaram o esconderijo de sua trouxa. Iansã vestiu sua pele de búfalo e destruiu a todas, poupando apenas seus nove filhos. No entanto, não os levou consigo. Deu-lhes seu par de chifres para que batessem um no outro quando precisassem de ajuda.

A deusa resolve, assim, o casamento forçado, seu problema com os cuidados maternos, ao mesmo tempo em que retoma sua liberdade de seguir sozinha pela vida abrindo caminhos jamais trilhados.

[corpo de Iansã]

Seus ventos são suaves. Brisas que espalham sementes. Fertilizam a terra. Também é tempestade. Iansã não reconhece fronteiras: rompe. Quebra. Assusta. Esfrega a terra com galhos secos. Arrancados. A terra, nua. Revolta. Corpo animal. Não tem somente um corpo. Não tem somente um nome. Pode ser vento. Animal. Mulher. Intempestiva. O amor, que não era universal, em Iansã espalha-se pelo mundo. Pervertendo sedutoramente no amor aquilo que a fecha e a enfraquece, aquilo que o amor acredita precisar repetir para ser amor: o seu rosto.

[feiticeira]

Nos bosques, dançavam velhas bruxas
mulheres velhas expulsas vaginas
dilaceradas por vassouras
casa filho nora agora manda.

Poções magias duendes pequenos crescem.

Medo e sedução:

diabrete amado,

danado incendiando

corpo morto esquálido seco

desnutrido esfomeado desapropriado

vende a alma por amor e ganha

o corpo ao diabo

goza

goza pra fora

tudo

dilacera-se

oferenda-se

por amor.

Acontece:

A cura

povo vai embora

madrugada.

Vultos furtivos voltam às vidas medrosas

só que agora, fortes.

Saciados da sua pele, do seu suor, do seu amor,

Das suas vísceras generosamente dadas.

Sangra

Levanta

Vai embora

Nunca mais foi vista.

[lugares]

Mas onde mesmo se encontram os deuses? Como ter acesso à ilusão, à sedução? A realidade é a mesma, quando distorcida dionisiacamente? E o que falar da relação com ela, depois de caído o véu da ilusão?

Quais são os lugares privilegiados, se existem, onde Iansã e Dionísio se encontram? Nos corpos, no amor. E quando os devires abrem passagem.

Corpos e amor feito de partes. Fragmentários. Em algumas dessas partes os deuses brincam desde sempre. Antes mesmo de qualquer individuação. No corpo. Entre o corpo e o mundo. No mundo do corpo (singularidades). No corpo do mundo (individuações).

[encontro]

Algo que não aconteceu na história, mas que pode ser inventado, imaginado. Um jeito de estar no mundo. De amar. Um olhar ao que constitui o amor. Ao que o atravessa (forças animais, cósmicas, inconscientes) e ao *como* compomos com isto. O modo como aprendemos a amar e o valor que damos ao amor. Seus estrangulamentos. Sufocações. Os espaços abertos. O deserto. A solidão. As liberdades ou saídas. Os vazios. Os encontros. As fugas...

As forças dos devires afetando o corpo do amor que somente quer ampliada a sua capacidade de afetar e ser afetado. Que quer alegria. Visitar paisagens. Uma viagem ao que é útil, bom e necessário: o corpo do amor que se amplia como força que o tempo todo foge de ser capturada pela rostidade amorosa que se segue como um mapa. Mapa que não leva a lugar nenhum, impossível de ser percorrido sem que o corpo amoroso tropece, desvie, se perca.

Nos rastros do (corpo) amor, muitas vezes, destruição. Morte. Mas é aí que a vida se dobra. Ante o perigo da quase extinção. Desvia sobre

si. Do mesmo. Do igual. Daí a possibilidade de vida. De saúde: do erro que não é o mal. Amor errante que viaja de carona no desejo, que força o amor ao esquecimento para dar-lhe novos poderes de afetar e ser afetado, desejo que por vezes vai embora e não avisa deixando o amor entregue ao rosto.

[rosto para brincar]

Ao encontrá-lo: festa. Festa das dissoluções, da embriaguez, da mais pura sedução. Os deuses e os homens misturados, femininos, com suas máscaras caricaturadas, furadas, dançam em homenagem à vida, sabendo-se sagrados e eternos.

[onde?]

No fim do juízo

começa o amor:

fati.

Fato.

[borboleta]

Conheci borboletas de asas transparentes: lembrei-me de imediato do amor. Por quê?

A cada flor que pousavam mudavam de cor. Seu corpo ficava misturado, a mesma borboleta tornava-se várias borboletas...

[tempo]

O amor não é deste tempo.

Cortês: projeta-se nos detalhes do próximo encontro.

Romântico: deseja sempre a eternidade.

Fortuito: cria-se um tempo entre horas, entre-corpos, entre-olhares

tempo do que existe efêmero sem sentido dado

que produz milagres

e que mata.

[póstuma]

Se eu morresse agora, talvez, estranhamente do meu amor te ocupasses.

E te porias a compreender o que teimas em não escutar, ansioso por alguém que te acompanhe passo a passo nessa aventura combinada de pequenas coisas.

Eu, em liberdade pura, existiria ainda e brincaria de fugir eternamente.

[sentido]

não corro atrás do amor

ele é que me persegue.

nem sempre foi assim.

quando mudou?

o sentido.

[devaneios]

O pensamento precisa do silêncio para passar.
O ruído, o excesso, o barulho desvia a atenção
do mundo. Que é o que importa. Rouba a cena.
O eu nunca quer sucumbir. Debate-se. Cria
asas. Voa. Cai em queda livre. Multiplica-se:
cacos. Levanta fortalecido. Identidade reforça-
da pela fragmentação. Estilhaçamento. Luz.

[do amor]

Espero exatamente aquilo que ele não pode dar

algum descanso

um tempo sem amar

que me esqueça!

[imprevisto]

Uma leitura. Uma frase: “algo sutil pode ser arrebatadoramente intenso”. De alguma forma essa idéia faz uma marca em mim. Será isto uma *impressão*? Na continuidade da leitura algo sutil e arrebatadoramente intenso acontece. Está bem, sem exageros, algo sutil acontece e é intenso. Penso: será uma *sobreposição*? O fato é que saber disso juntinho do acontecido atrapalha a leitura: o que foi aquilo, um *punctum*? Só sei que larguei o guia e eu mesminha passei de uma navegação mais tranqüila a uma certa procura: o que mais eu encontraria ali, teria sido por acaso? E se eu não estivesse lendo aquilo naquele momento e se, e se, e se.... Aprendi uma coisa: não se seguram as intensidades, pode-se querer os encontros, mas não é por isto que eles acontecem. Olha só, eu estava distraída. O texto fala disso. Atentei mais ainda ao que dizia. E não dizia nada. Nada que desse uma dica de repetição daquilo, de fazer acontecer novamente, nada. E é isso que torna a coisa interessante. E é isso que esta escrita faz e que me provoca essa prontidão distraída, com essa gostosa disposição de *amar à primeira vista*

mesmo que não a primeira vez. Traz uma imagem: a de idéias que não cabem no corpo e vazam. Realmente “não seria de todo mau esforçar-se para estar distraído”.

[off-line]

... para os que não amo.

[restos]

“raspas e restos me interessam”

desfazer-se da idéia do amor é ao mesmo tempo
permitir ao corpo a liberdade necessária aos
encontros.

[virtualidade]

“pequenas porções de ilusão

mentiras sinceras me interessam..”

quando se desiste da verdade, ganha o amor, que é mais feito de caprichos consentidos mutuamente do que de sentimentos verdadeiros (qual não é?). Quem acredita em promessas de amor eterno? e no entanto, isto é possível e muito além do “que seja eterno enquanto dure”. O amor, parece, veio pra ficar: ele só muda de casa de vez em quando.

[fim]

Do amor não se sabe o começo. Tampouco do seu fim sabemos.

Resta-nos a condição de amadores eternos (ou de eternos amadores?)

o aceite amoroso daquilo que a vida prepara para nós como seu ato fatal

desenvolvido com nossas próprias forças. Já se sabe. Cabe-nos ter dignidade para vivê-la.

[morte]

Só vale a pena morrer quando se quer descansar.

De resto, toda a morte é puro capricho da vida
lugar comum, desfrutável.

[delicadeza]

A delicadeza quando toma um homem, por exemplo, camisa branca-mais aberta do que deveria-corrente no pescoço...Percebe-se de imediato: ali não há nada casual. Exatamente esse saber confere uma certa sensualidade ao fato. Se parece algo proposital, deve ser e provém justamente da sua natureza de artifício. A sensualidade, da hora também, não se confunde com a espontaneidade, da hora somente. Assim um corpo masculino acolhe em si um tanto de feminino: a delicadeza.

[caminhos]

“Se existem dois caminhos deve ser seguido o do coração”.

Costuma-se separar a razão e a emoção . Costuma-se também relacioná-los a duas partes do corpo respectivamente: cabeça e coração. Desconfio que isso seja um grande engano: como poderia o coração deixar de ter a sua própria razão (e esta estar plena de sentimentos)?

[o estranho]

eis um grande enigma do qual nunca terei a solução: porque desejo esse? Porque o desejo por tanto tempo, languidamente? É ele inteiro que desejo (uma silhueta, uma forma, uma aparência?) Ou é apenas uma parte desse corpo?

Amar é estar iludido da realidade do outro?

Amo o que conheço, ou exatamente o que desconheço é o que mais me atrai?

Amo o que julgo conhecer ou é no começo exato do fim do juízo, na contramão de todas as opiniões e julgamentos que exerço a delicadeza amorosa de não prever aquilo que o outro não pode, investindo-o de liberdades e forças afirmativas que só lhe fazem bem?

[artesão]

O corpo é feito de partes. O amor é feito de partes. Manter-se vivo é um constante jogo de forças que tensionam o corpo entre as partes que lhe fazem bem e as partes que podem lhe destruir. A relação do amor com o corpo é mais uma, entre muitas, relação entre corpos. O amor, corpo sensível, requer trabalho de artesão: exige a medida certa de um corpo inapto por natureza a seguir medidas. E que só segue fluxos internos e externos. Corpo ele próprio esculpido por esses fluxos que lhe tornam rio estrangulado ou caudaloso, que transborda ou seca, estéril ou fértil nas vidas que o compõem.

[desilusão?]

Deixar de amar seria o estado de mais realidade ou menos realidade? Poderia ser (quem sabe?) o momento em que se pára de produzir realidade tomando para si um olhar comum (de opinião) sobre o que era amado já que a fantasia nunca esteve em nenhum outro lugar além do real?

[tocar]

Como saber o que passa no corpo de quem ama? Ouvi que amar não é de sentir (tocar), mas de olhar. Duvidar como?

[striptease]

No fazer amor o rosto se despe.

A música? sussurros, risos, gemidos...

[prazer]

A perversão (psicanaliticamente falando, aquilo que foi desviado de sua função natural) é extremamente mal compreendida, coitada. Na sua mais ínfima possibilidade, permite apenas o prazer do inusitado. A simplicidade, presente no ato. Caso em que o significado excede a palavra.

[pathos]

A doença amorosa (ou paixão) que impede a relação direta com o mundo. Afecção que invade o corpo e impede o que é saúde no amor.

[morte]

Nada que fosse imortal seria digno de ser amado.

[encanto]

O encanto fortuito dos encontros na palavra que não foi dita, no poema que não foi escrito, no olhar que não pensou em nada e esbarra de repente com tudo aquilo...e foi quase nada. Nem contar se pode exatamente. Somente os corpos guardam em si as vibrações .

[ao acaso]

No amor, o que é feminino acolhe, recebe: continente.

Quase nada dá. Feminino que foge de gênero, dualidades, papéis.

Que é de um, de outro

...da vida que vai passando...

[feiticeira II]

Na entrega da carne ao sacrificio
para deleite de outrem
encontra aquilo que quer
a necessidade mais que o querer
a mulher feiticeira encontra
o que lhe foi encomendado
o seu destino
curandeira que é das dores do mundo
busca no próprio corpo os limites
que precisa percorrer
e as fronteiras que ultrapassa
mulher lentamente educada
pelas forças diabólicas da natureza
o remédio e o veneno
juntos
quase mais salvou que matou
das dores violentas os corpos desesperados
magias feitiços mandingas
restos de cabelo pudicas partes sangue
poções para
amor a ser conquistado
amor que já morreu
filho vingar
livrar-se da miséria da vida

corpo lentamente educado
pelo diabrete danado
que sabe esperar por séculos
o corpo desejado
e que habita ainda hoje
os corpos das mulheres educadas
que sabem cuidar
e que gozam ainda com a sua força
quando invadidas por ele.

[ação]

Não reagir: a maior declaração de amor à vida.

Agir sobre o que ela traz tornando útil, conveniente, e bom: amor ou cuidado-de-si.

[amor próprio?]

Impressionante o maior de todos os clichês: a auto-estima. A estima que alguém pode ter por si não é separada do conhecimento. Este conhecimento é primeiro conhecimento da realidade (onde o si está incluído). Não existem dois lados apenas: a apreensão é simultânea. Se houver condições favoráveis ao conhecimento haverá um conhecimento adequado da realidade (e de si). Podemos falar, então, em auto-estima. Jamais em estima natural, dada, interna. Mas estima (auto-estima) que se constitui junto à realidade e que se costuma chamar amor próprio.

[intimidade]

Lugar onde gênero não entra, um outro tempo se realiza e o amor mostra o que pode. Coxia necessária onde um olho espia um corpo grudado nele.

[presença]

A maneira sutil com que o amor se aproxima e cresce pela presença do amado... aos poucos. Isto começa devagarzinho... na ausência inquietada, no deleite das imagens que marcam o corpo e retornam sem cessar. Na busca da quietude para se fazer acompanhar pelas imagens e rever as marcas: assim é que o apaixonado compreende o que se passa com seu corpo (a sua revolução): o mesmo encantamento com um sabor (de solidão) nunca sentido. A novidade amorosa *in corpore*.

[solidão]

No amor que nada falta a morte não assusta nem paralisa: desafia ao abandono dos estados asfixiantes, cava na própria morte um vento, um respiro, um pequeno sopro que dê conta de continuar vivendo.

[devir outro]

Quando se vê – e se vê, geralmente, pelo corpo – alguma tonalidade, gesto, uma expressãozinha qualquer que nos toma a alma, invade e...já era. Deixamos de ser nós mesmos e nos tornamos outra coisa, outro alguém: por isto se ama mais ainda esse alguém porque nos permite ser diferente do que se era antes...

[humano]

Justo aquilo que se tornou o ideal social: no direito, na moral, nos discursos...classifica, segmentariza, identifica, recorta, mutila: o corpo naquilo que ele pode. Nada que seja a diferença em si pode estar incluído no que se julga humano.

[lembrança]

Quem ama faz uma marcação: sim, (o outro) pensa em mim agora, pois estou também a pensá-lo. Pensamo-nos coincidentemente juntos, por muitas vezes. E isso não é uma lembrança, apenas, mas presença constante do próprio amor que, por vezes, extravasa o corpo e desponta na mente: porção mínima de existência do outro que carrego em mim.

[pele]

O amor é nossa ferida. O que nos rompe a pele de fora pra dentro, de dentro pra fora, e tanto e tão difuso que já não se sabe mais onde está a dor e o que é amor. Dói quando é bom e também quando não é. Loucura de uma dor fantasma que ao doer diz que não se está morto.

[intempestivo]

Às vezes um deserto se arrasta vida afora e parece que o tempo não existe para fazê-lo acabar. E de repente tudo o que não aconteceu irrompe de uma só vez. Pega-nos despreparados para viver: nunca se está pronto. Nem forte o suficiente para que não seja um risco suportar a falta de sentido que se gruda nas coisas. E mesmo para ter um corpo que não sucumba com tudo o que é forte demais.

E as suavidades... que acontecem a qualquer tempo! Como as desejo!

Desejos de menina que carrego em mim. Que me embala.

E que me faz sentir que posso amar a vida e tudo o que vive, porque assim me sinto amada. Por ninguém em especial. Especialmente pela vida. Quando ela cessa de me fazer morrer. Quando algo de alguma completude roça a alma e se sente: poderia morrer a qualquer tempo, agora.

[vinho]

A existência se afirma quando assume sem melancolia a sua morte que é certa. Ninguém foi enganado. Escolhemos nossa natureza ao persistir nela. Por isso se nasce. Se nasce dançando sem saber bem de onde. Se nasce tonto. A primeira bebida, já se vê. Não é tanto o leite quanto o vinho. Nasce-se sempre com Dioniso. Deus que nos acompanha e abre as portas. Pernas. Entranhas. Onde começa a vida.

[aconchego]

Do meu amor exijo que seja algo de maior. Não simplesmente grande. Pode ser bem pequenino (e ainda assim maior). Somente que possa me conter (não falo de impedimentos) no meu perder-me. Que ele possa aconchegar minha alma quando todas as tristezas da vida se enfileiram, disputando a vez. E isso tanto que meu pensamento somente busque a ele como alento. A idéia de sua morte nem me passa pela cabeça, passa pelo corpo: marca em mim como a minha própria morte, em parte. Mas não penso nisso. Somente acontece. Enquanto acontece o que temos é gozo, presença, silêncios e admiração.

[um descanso...]

*Qualquer amor já é um pouquinho de saúde
Um descanso na loucura*

É no amor que se consegue nem que seja um restinho de liberdade que se precisa na vida porque ali é permitido desde sempre enlouquecer sem manicômio, voar sem asas, sonhar acordado e muito mais.

E se existe alguma subversão possível ela é feminina, amorosa, silenciosa, cruel e também da ordem do mínimo.

O amor como potência subversiva: somente porque dele tudo se espera.

[gênero]

Pelo mesmo motivo:

ela fica

ele bate:

amor.

[ódio]

Das mais fortes paixões, o ódio se aproxima do amor naquilo em que o liga ao objeto em força e intimidade. Desconfia-se de que muitos trazem nuances da falta de materialidade expressiva necessária à existência amorosa.

O amor sem materialidade expressiva corrompe o corpo, mutila, faz sofrer. Quem bate não é mais feliz do que quem sofre as dores no próprio corpo. Amor escravo, amor impedido, amor sem correspondência, amor desatinado, sem presente, sem passado, sem realização. Que faz sofrer. Que gruda. Que dói. Que dá vontade de morrer. Que faz duvidar de se estar vivo...

[flamboyant]

A idéia da morte parece ser ruim. Já a própria (morte) não é boa nem má. Reserva-se o direito de apenas ser. Pensando apenas na idéia da morte, da minha morte, penso-a (ah!como eu gostaria) lentamente: me decompor sob a sombra de flamboyants. E que minha morte alimente a beleza. Mas isso só vale para a morte enquanto idéia. Depois não há mais querer.

[suporte]

Nada prova contra o amor que o objeto amado nunca tenha existido.

As pessoas que amo, seja por ter aprendido a amá-las, ou pelo amor ter se imposto entre nós, carrego-as comigo pela vida. Cada encontro desses me ensina a viver. E elas, vivas ou não, ainda existem porque o amor não precisa mais do que um corpo para continuar existindo. Vivo amo morro diariamente e meu corpo é o grande suporte de vida: ladrão de tudo o que pulsa...Quando eu morrer um mundo também morrerá.

[o amante]

Saber que se ama não faz necessariamente parte do amar (ou do amor). Ele (o amor) cresce ou morre a seu tempo, deixa ou não vestígios de existência, pode ser eterno ou fugaz. A dúvida não aparece a quem não faz perguntas: por vezes elas repousam no fundo da alma escondida embaixo de uma intuição que diz: esquece. A certeza...pode vir numa música.

[sinais]

Uma resposta demasiado rápida, ou por demais pensada já cria uma imagem: ao outro desagradado algo em mim. Pânico do não ver-se, não enxergar-se completamente, não antecipar-se. O corpo se prepara impaciente para o encontro. Detalhes serão percebidos e sinais de procura serão emitidos...até o desenlace...até uma próxima vez...com o mesmo...com outro...mar sem fim...

[dilacerado]

Dilacerada a criança: restou-lhe o coração. A deusa Atena presenteia-nos com a possibilidade do amor. Que sempre muda de corpo: condições de sua natureza.

[fronteiras e conexões]

Quando se avizinha daquilo que do outro não se compreende: cria-se um território intratável, sem recursos, instrumentos, experiências outras quaisquer. Aquilo é único e faz fronteira com o que é único. Estranha-se. Ali tem uma existência, uma força desconhecida. Uma perspectiva que foge à lógica em questão. Um passo atrás (ou para qualquer lado) e ganha-se a distância necessária. E essa perspectiva espacial é agora a saúde da relação, que permite ver com o corpo sem órgãos, corpo-sismógrafo. O banquete acontece. Brinda-se a estranheza, o nunca visto. Repartem-se modos como se reparte pão. O encontro acontece na diferença.

[inimigo]

O apaixonado quer. Qualquer que lhe negue o que quer passa imediatamente para o lado inimigo, mesmo que seja o próprio amor. O apaixonado quer acima de sua própria vida e de qualquer outra coisa expressar o seu amor. Necessidade de expressão é sua fome. Negado isto a ele faz-se um inimigo. Mesmo que o inimigo seja o próprio objeto amado. O apaixonado funda o paradoxo amoroso: o seu sofrimento é o seu gozo.

[incondicional]

Ele me tem na medida exata de suas necessidades. Nada vale minha vontade para prolongar o abraço ou receber um beijo desejado. Ele desfruta do meu corpo, de meu aconchego como de uma/sua *casa ambulante de onde ele já saiu e pode voltar a qualquer hora sem bater na porta*. Faz assim e não pensa. Exceto por minhas exigências de afeto. Percebo seus movimentos, deixo-o desfrutar-me, quase sempre, cuido de seus valores, procuro não fazer muitas chantagens e vejo-o crescer feliz na maior parte do tempo. Às vezes se assusta, quando na brincadeira demoro a abrir os olhos. Mas depois rimos muito. Pequenos ãos (os meus sins) vão decompondo o seu mundinho centralizado em desejos e querereres. Não consigo perceber onde está o tal do amor incondicional.

[intimidade II]

Aconchego. Calor. Lugar onde se exercita a preguiça da menor distância entre corpos. Que faz a singularidade da relação, a desconstrução dos estereótipos, que faz nada. *Para isto, em parte, abre-se mão de algo tão necessário quanto: a surpresa.*

[no entanto...]

Nada mais surpreendente do que isso. Surpresa sem sobressaltos tecida fio a fio no escorrer das horas, das estações, da vida: a relação com algo exterior a mim, da qual faço parte, que esculpo, que me pinta, traço por traço, em cada nuance de intimidade.

[dor]

A dor (não o desespero) só faz aumentar o amor, ou pelo menos, o deixa intocável, já que: a dor nunca é de amar, mas de estar só.

[bem me quer]

mal me quer. bem me quer. mal me quer. bem
me quer. mal me quer. bem me quer. mal me
quer. bem me quer. mal me quer. bem.

que menina não conhece a trapaça das flozezi-
nhas amarelas de pétalas brancas?

[afinidades]

Em [arranque], “enquadramento” e “valor adicional” são retirados de Kiarostami, 2004, p. 3. A citação em [exterioridades do amor] é de Barthes, 1988, p. 86. A epígrafe de [fotografia] é de Kiarostami, 2004, p. 179. Em [a perda do rosto], a citação é de Barthes, 1988, p. 86. A música de João Bosco e Aldir Blanc citada em [detalhe] é “Latin lover”. A expressão “contentamento descontente”, no fragmento [ilusão], refere-se ao soneto de Camões que começa com “Amor é um fogo que arde...”. A alusão à “mocinha” e ao “sedutor” é de Baudrillard, em *Da sedução*. Em [ausência], o poema é de Carlos Drummond de Andrade (em *Ana Cristina César Inéditos e dispersos*). A primeira referência em [exigência] é do livro de Baudrillard, *Da sedução*, p. 140. A segunda frase é, evidentemente, de *O Pequeno Príncipe*, de Saint-Exupéry. Em [espera], a referência é ao livro de Barry Stevens, *Não apresse o rio ele corre sozinho*, 1970. Em [sensações], o poema é de Eça de Queiroz (*Primo Basílio*), citado por Arnaldo Antunes na canção “Amor I love you”. Em [necessidade], a referência é à música “Pais e

filhos”, de Renato Russo. Em [...], cito “Construção”, de Chico Buarque de Holanda. No fragmento [condescendência], a referência é ao filme dirigido por Lars Von Trier, *Dog Ville*, 2003. [desencontros?] faz uma alusão ao texto “Uma boa boa cidadã”, de Abbas Kiarostami . Em [segredinho sujo], a alusão é a D. H. Lawrence. O fragmento [desejo] traz a poesia “Da eterna procura”, de Mário Quintana. Em [intuição], os versos citados são de Ana Cristina César, em *Inéditos e dispersos*. Em [susto], a alusão (“prefiro não”) é ao personagem Bartleby, do livro de mesmo título, de Herman Melville. A frase entre aspas em [retrato] encontra-se na pág. 60 de *A sedução*, de Baudrillard. O título, [procurem seus rostos], é o slogan da esquizoanálise, segundo Deleuze e Guattari, em *Mil platôs*, vol.3, p.58. Em [ogum], o conto pertence à mitologia dos orixás. A seção [feiticeira] tem sua inspiração em *A feiticeira*, de Michelet. A referência a “o erro que não é o mal”, em [encontro], é de Canguilhem, 1978. Em [imprevisto] ressonâncias do projeto de dissertação de Mayra Martins Redin “*Impressões, anotações e distrações*”. Os fragmentos [restos] e

[virtualidade] aludem à música “Maior abandonado” de Cazuzza. Registra-se em [caminhos] reminiscências do livro “*A erva do diabo*” de Carlos Castañeda. Em [o estranho] desdobramentos barthesianos relativos às p. 14 e p.15 de “*Fragmentos de um discurso amoroso*” de Roland Barthes. A seção [feiticeira II] tem sua inspiração em *A feiticeira*, de Michelet. O fragmento [um descanso] inspira-se também num fragmento (de poesia) de Guimarães Rosa. Em [suporte] referência a poesia de Antonio Machado “*Juan de Mairena: sentencias, donaires, apuntes y recuerdos de un profesor apócrifo*”. O filme “*O amante*” de Marguerite Duras deu origem ao fragmento de mesmo nome na p.123. Em [incondicional] marcas da poesia de Elisa Lucinda. No fragmento [intimidade] roubos de pé de ouvido. Por fim, devo expressar minha gratidão pela apropriação, consentida, de escritos, ditos, estilos, idéias, frases, expressões, livros (empréstimos), inspirações, olhares e tantas outras coisas das seguintes pessoas (principalmente): Paola Zordan [textos: “Um amor bem vago”, “Um texto para explicar o que implica”, “Os conceitos e a materialidade

em jogo na fotografia”]; Márcio Porciúncula [Projeto de dissertação “Dos prazeres do corpo: a escritura”]; Mayra Martins Redin [Projeto de dissertação “Impressões, anotações e distrações”]; Cassiano e Patrícia; Sandra Corazza; Tomaz Tadeu.

[Bibliografia]

ABREU, Caio Fernando. *Os dragões não conhecem o paraíso*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

ABREU, Caio Fernando. *Triângulo das águas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

ARTAUD, Antonin. *Escritos de Antonin Artaud*. Porto Alegre: LP&M, 1983. Trad. Cláudio Wil-
ler.

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1978. Trad. Leyla Perrone-Moisés.

BARTHES, Roland. *Fragments de um discurso amoroso*. Rio: Francisco Alves, 1988. Trad. Hortência dos Santos.

BARTHES, Roland. *Incidentes*. Rio: Guanabara, 1987. Trad. Júlio Castañon Guimarães.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2004. Trad. J. Guinsburg.

BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo: Cultrix, 1975. Trad. Leyla Perrone-Moisés.

BAUDRILLARD, Jean. *As estratégias fatais*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. Trad. Ana Maria Scherer.

BAUDRILLARD, Jean. *Da sedução*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1991. Trad. Tânia Pellegrini.

BOHRER, Luiz Carlos Teixeira. *Solidão Criadora Milonga e Processos de Subjetivação*. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós graduados em Psicologia Clínica. Orientação: Dr^a Suely Rolnik. PUC: São Paulo, 2006.

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio: Forense Universitária, 1978.

CESAR, Ana Cristina. *Inéditos e dispersos*. São Paulo: Ática, 1999. Org: Armando Freitas Filho.

CHILLEMI, Margareti. *Tirando a poeira da palavra amor: experimentações no cinema e na clínica*. Tese de doutorado. Programa de Estudos Pós graduados em Psicologia Clínica. Orientação: Dr^a Suely Rolnik. PUC: São Paulo, 2003.

CORAZZA, Sandra e TADEU, Tomaz. *Composições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CORAZZA, Sandra. *Artistagens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor. Estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

CREPAX, GUIDO. *A Vênus das Peles de Sacher-Masoch*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

COSTA, Gilcilene Dias. *Trilogia Antropofágica: a educação como devoração*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Orientação: Dr. Tomaz Tadeu. UFRGS: Porto Alegre, 2008.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988. Trad. José Carlos Rodrigues.

DELEUZE, Gilles. *Espinosa. Filosofia Prática*. São Paulo: Escuta, 2002. Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia, vol.1*. São Paulo: Editora 34, 1995. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia, vol.3*. São Paulo: Editora 34, 1996. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia, vol.4*. São Paulo: Editora 34, 1997. Trad. Suely Rolnik.

DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1985. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A.Guilhon Albuquerque.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II. O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1985. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade III. O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque.

GOMES, Paola B. M. B. “Devir-animal e educação”. *Educação & Realidade*, v. 27, n. 2, julho-dezembro 2002, p. 59-66.

HILST, Hilda. *Júbilo, Memória, Noviciado da Paixão*. São Paulo: Globo, 2001.

KIAROSTAMI, Abbas. *Abbas Kiarostami*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. Trad. Álvaro Machado.

LISPECTOR, Clarice. *A Bela e a Fera*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. *Para não esquecer*. Rio: Rocco, 1999.

MICHELET, Jean. *A Feiticeira*. São Paulo: Aquariana, 2003. Trad. Ana Moura.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992. Trad. J. Guinsburg.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral. Uma polêmica*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. Trad. Paulo César de Souza.

NIETZSCHE, Friedrich. *Para além do bem e do mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. Trad. Paulo César de Souza.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo: de como a gente se torna o que a gente é*. Porto Alegre: L&PM, 2003. Trad. Marcelo Backes.

NIN, Anais. *Uma espiã na casa do amor*. Porto Alegre: L&PM, 2006. Trad. Reinaldo Guarany.

NIN, Anais. *Henry e June: diários não expurgados de Anais Nin*. Porto Alegre: L&PM, 2007. Trad. Rosane Pinho.

NOLL, João Gilberto. *Rastros do verão*. Porto Alegre: L&PM, 1986.

PELLEGRINI, Bernardo e ABRAMO, Maria Angélica. *Almanaque do amor*. São Paulo: Busca Vida, 1988.

PESSOA, Fernando. *Poesias*. Porto Alegre: LP&M, 1996. Org. Sueli Tomazini Cassal.

PIGNATARI, Décio. *Retrato do amor quando jovem: Dante, Shakespeare, Sheridan, Goethe*. São Paulo: Cia. das letras, 1990.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta*. Porto Alegre: Globo, s/d.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental. Transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROSAMARIA, Bárbara. *A dança das Aiabás. Dança, corpo e cotidiano das mulheres de Candomblé*. Tese de doutorado. Orientação: Dr. Reginaldo Prandi. São Paulo: USP, 2002.

SCHÜLER, Donaldo et alii. *O amor na literatura*. Porto Alegre: Editora da UFRGS & Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

SERRES, Michel. *Os cinco sentidos. Filosofia dos corpos misturados*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. Trad. Tomaz Tadeu.

STENDHAL. *O vermelho e o negro*. Porto Alegre: L&PM, 2002. Trad. Paulo Neves.

TADEU, Tomaz, CORAZZA, Sandra e ZORDAN, Paola. *Linhas de escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

VALÉRY, Paul. *Variedades*. São Paulo: Iluminuras, 1999. Org. e int. João Alexandre Barbosa. Trad. Maiza Martins de Siqueira.

[Filmografia]

ANNAUD, Jean-Jacques. *O amante*. França, 114 min, 1991.

ARAU, Alfonso. *Caminhando nas nuvens*. Estados Unidos, 103 min, 1995.

DEMY, Jacques. *Os guarda-chuvas do amor*. França, 90 min., 1964.

LÁZARO, Emilio Martinez. *O outro lado da cama*. Espanha, 114 min., 2002.

NEAME, Ronald. *The prime of Miss Jean Brodie*. Inglaterra, 116 min., 1969.

PERRY, Pinchas. *Quando Nietzsche chorou*. Estados Unidos, 105 min., 2007.

SAURA, Carlos. *Ibéria*. Espanha, 99 min., 2005.

TYKWER, Tom. *O perfume. História de um assassino*. Alemanha, 147 min., 2006.

[blogues]

DIF

[dif09.com]

ENLIVRESCER

[enlivrescer.blogspot.com]

FANTASIAS DE ESCRITURA

[fantasiasescritura.blogspot.com]

FAITZ DIVERZ

[tomaztadeu.com]